

HORIZONTES HISTÓRICOS

A CRUZADA ALBIGENSE: UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA

Ives Leocelso Silva Costa¹

RESUMO

A Cruzada Albigense (1209-1229) consistiu numa série de violentas campanhas militares promovidas pelo papado, em aliança com a coroa francesa, visando eliminar a heresia dos cátaros, disseminada na região sul da França conhecida como Languedoc ou Occitânia. Este artigo consiste em uma revisão bibliográfica de produções a respeito do tema, buscando analisar as causas do conflito - das crenças cátaras, às peculiaridades políticas do Languedoc – e a forma como esta Cruzada alterou as relações de poder na região, instaurando a hegemonia católica e expandindo o controle monárquico dos Capetos. Além disso, será discutida a História da historiografia da Cruzada Albigense, destacando a forma pela qual as circunstâncias políticas e culturais de cada época moldaram os discursos produzidos sobre este evento medieval.

Palavras-chave: Cruzada Albigense. História Militar. Historiografia.

THE ALBIGENSIAN CRUSADE: A HISTORIOGRAPHIC ANALYSIS

ABSTRACT

The Albigensian Crusade (1209-1229) consisted of a series of violent military campaigns promoted by the papacy, in alliance with the French Crown, aiming to eliminate the heresy of the Cathars, spread in the region of southern France known as Languedoc or Occitania. This article consists of a bibliographical review of productions about the theme, as it intends to analyze the causes of the conflict - from Cathar beliefs, to the political peculiarities of the Languedoc - and the way in which this Crusade changed the power relations in the region, establishing catholic dominance and expanding the monarchical control of the Capets. In addition, the History of the historiography of the Albigensian Crusade will be discussed, highlighting the way in which the political and cultural circumstances of each era shaped the discourses produced about this medieval event.

¹ Mestrando em História (PROHIS-UFS), Bolsista da CAPES, Integrante do Grupo de Estudos *Dominium*: Estudos sobre o Senhorio (CNPq-UFS) - ivesleocelso@gmail.com.

Keywords: Albigensian Crusade. Military History. Historiography.

Introdução

O início do século XIII foi marcado pela expansão e consolidação do poder real e católico em diversas áreas da Europa. No Báltico, Inocêncio III promoveu a Cruzada da Livônia contra as populações pagãs locais, submetendo a região à influência papal. Na Península Ibérica, a Reconquista ganhou novo ímpeto sob a direção da coroa de Castela na Batalha de Las Navas de Tolosa (1212), que interrompeu o avanço muçulmano e foi um ponto de virada para as forças cristãs (FRIED, 2015).

A Cruzada Albigense, convocada pelo papa Inocêncio III como uma guerra religiosa contra os cátaros, ou albigenses, do Languedoc, insere-se firmemente nesse contexto. Segundo Power (2013, p. 1047):

A Cruzada Albigense (1209-29) foi um evento formativo na história Europeia. No apogeu medieval de seu poder, a Igreja Romana convocou a extirpação da heresia no sul da França. As energias cruzadistas que haviam arrebatado a aristocracia da Cristandade Latina por mais de um século contra o Islã, os pagãos do norte da Europa e outros inimigos externos, eram agora direcionadas contra os habitantes de uma região no coração da Cristandade.

Entretanto, além de seu caráter anti-herético, a Guerra contra os Albigenses também se configurou como uma guerra de conquista, uma vez que também buscou a submissão da nobreza languedociana, vinculada ao Reino de Aragão, à coroa da França, então sob o poder dos Capetíngios. Conforme argumenta Fried (2015, p. 188), “O Languedoc inteiro parecia se alinhar com o trono aragonês; naquela época até mesmo o conde de Toulouse era mais próximo do rei espanhol que de seu senhor francês”.

Por sua natureza polêmica - que opõe ortodoxia e heresia, norte e sul da França, cruzada e guerra nacional – a Cruzada Albigense foi um ponto de disputa intensa entre historiadores posteriores. Usada tanto para justificar quanto para criticar a realidade política e/ou religiosa de cada época, sua historiografia revela-se um tema interessantíssimo, capaz de lançar luz sobre a maneira como a História é pensada.

Percebe-se, portanto, que a Cruzada Albigense adquiriu complexidade e expressão inimagináveis no momento de sua deflagração. A repressão ao Catarismo foi, porém, seu ponto

de partida, de maneira que é apropriado iniciarmos nossa abordagem tratando das crenças e práticas desse grupo religioso que despertou a ira da Igreja Católica.

O Catarismo

O termo cátaro, do grego *katharos*, os “puros”, é usado por Eckberto de Schönau em 1163 para designar a forma como os membros da seita se autodenominavam, não aparecendo em nenhuma outra fonte (FRANCO JÚNIOR, 2010). As fontes do século XIII utilizam o termo Albigenses, como consta de escrituras e cartas mesmo antes do lançamento da Cruzada (POWER, 2013). “A expressão, como se sabe, associa os dissidentes religiosos com as populações da cidade de Albi, embora as idéias heréticas tenham circulado em todo o Sul da atual França [...]” (MACEDO, 2000a, p. 1).

Albi foi uma de várias cidades associadas a atividades heterodoxas na metade do século XII por Bernardo de Claraval e sua conexão com a heresia foi fortalecida pelas tentativas do conte de Toulouse de transferir as acusações de dissidência religiosa feitas contra ele para seus vizinhos, a família Trencavel, viscondes de Albi, Béziers e Carcassonne (POWER, 2013).

Para Franco Júnior (2010), o Catarismo se insere no florescimento de heresias ocorridas no século XI em resposta à Reforma Gregoriana promovida pela Igreja Católica. De acordo com Macedo (2000a, p. 2):

[...] não se pode negar que a proliferação de movimentos dessa natureza estivesse relacionada à insatisfação dos leigos com a Igreja, até porque, em sua maior parte, os seguidores das heresias criticavam os padres e a hierarquia católica pelo seu distanciamento das promessas do cristianismo primitivo e propunham o retorno às práticas do tempo dos apóstolos e mártires.

O que diferencia os cátaros das demais heresias da época é sua ruptura radical com a mitologia Católica. Possivelmente influenciados pelo Bogomilismo da Trácia, eram dualistas, acreditando em um Deus do Bem, que governava o reino espiritual, e um Deus do Mal, criador do universo e tudo que há nele (RUMMEL, 2006).

O que define de imediato a cosmogonia cátara é a crença na coexistência eterna de dois princípios iguais em poder e eficácia radicalmente opostos e tendo cada um seu papel no equilíbrio do universo: o primeiro é o princípio do bem, que se confunde com Deus; o segundo, o princípio do mal, que se confunde com Satã. (MACEDO, 2000a, p. 5).

Para os seguidores do Catarismo a matéria era má, portanto repudiavam o sexo e o consumo de carne. Rejeitavam o Antigo Testamento e identificavam o deus vingativo dos

hebreus, causador do Dilúvio e da destruição de Sodoma e Gomorra, com Satanás. Negavam a existência do Inferno, que identificavam com a própria vida terrena, e também do Purgatório. Acreditavam na reencarnação e na metempsicose – que somente através de uma vida de pureza as almas dos homens, na verdade anjos aprisionados em forma corpórea pela divindade maligna, poderiam ascender à luz do mundo espiritual (FRANCO JÚNIOR, 2010).

Dado seu caráter ascético, acredita-se que apenas alguns poucos indivíduos, os perfeitos ou bons homens, seguiam à risca os princípios da seita (MACEDO, 2000a). Contudo, a ausência de uma liturgia elaborada e o caráter não autoritário da relação entre iniciados e crentes permitia ao fiel mais liberdade do que a encontrada no seio da Igreja de Roma, o que pode justificar sua disseminação no Languedoc.

A Conjuntura Política do Languedoc no Início do Século XIII

Ainda que o Catarismo encontrasse apoio entre homens e mulheres comuns oprimidos pela Igreja Católica, é de se estranhar que a nobreza fosse acolher uma seita tão radical. Para os cátaros todos os juramentos feitos aos homens eram sem validade (FRANCO JÚNIOR, 2010), o que ataca a base de uma sociedade senhorial. Contudo, é exatamente o que acontece na Occitânia e a justificativa está na própria ideologia cátara:

Os hereges insuflavam a nobreza com seus discursos, alimentando o anticlericalismo. Como conseqüência, os bens eclesiásticos eram pilhados, os feudos clericais acabavam sendo canalizados para a dependência laica com a subsequente cobrança de impostos e acumulação de rendas; além disso, os nobres recusavam a repassar certos tributos devido à Igreja, como o dízimo. (MACEDO, 2000b, p. 10).

Raimundo Rogério, conde de Foix, Raimundo Rogério Trancavel, visconde de Carcassonne, e especialmente Raimundo VI, conde de Toulouse, utilizavam o discurso dos hereges quando lhes era conveniente, visando o enriquecimento e aumento de sua autonomia. Segundo Rummel (2006, p. 49, tradução nossa), “Podia-se contar com o Conde de Toulouse para fazer qualquer coisa que diminuísse a influência e o poder da Igreja Romana e do Rei Filipe Augusto da França. Raimundo foi denunciado pelo Papa diversas vezes, até excomungado, sem nenhuma mudança real em suas ações”.

Raimundo VI dificilmente teria agido com tanta ousadia se não tivesse o apoio de um poderoso aliado: seu cunhado, o rei Pedro II de Aragão. A coroa de Aragão destacava-se como

um dos grandes poderes da Península Ibérica, e no final do século XII controlava territórios na França que se estendiam até a cidade de Nice (FRIED, 2015).

Desta forma, os representantes da Igreja pregavam e exortavam a nobreza languedociana a perseguir os hereges e eram ignorados. Até que no fatídico dia 15 de janeiro de 1208, Pedro de Castelnau, legado papal, foi assassinado (MACEDO, 2000a).

Em julho do ano seguinte a Cruzada era lançada.

A Guerra contra os Albigenses

Ao justificar a Cruzada, escreveu o cronista Pierre des Vaux de Cernay²:

Com tantos milhares de de fiéis na França já tomando a cruz para vingar o mal feito ao nosso Deus [...] nada resta a não ser o Senhor Deus das Hostes despachar seus exércitos para destruir os cruéis assassinos – Deus que com Sua costumeira bondade e amor inato havia mostrado compaixão para Seus inimigos, os hereges e seus apoiadores, e enviou Seus pregadores a eles – não um, mas muitos, não uma vez, mas com frequência; mas eles persistiram em sua perversidade e foram obstinados em sua torpeza; alguns dos pregadores eles cobriram de abuso, outros eles até mataram. (apud KURPIEWSKI, 2005, p. 1-2, tradução nossa).

A guerra era vista, deste modo, como uma maneira de restaurar a paz, obtendo justa vingança contra os cruéis hereges que desprezaram a bondade divina e atacaram seus emissários. Tanto que nas cartas papais referia-se à Cruzada Albigense como *negotium pacis et fidei*, empresa de paz e fé (POWER, 2013).

Sob a liderança de Simão de Montfort, conde de Leicester, cruzados do que hoje são a França, a Alemanha, a Bélgica e a Inglaterra, entre outros, marcharam para o sul da França determinados a extirpar a heresia.

O primeiro embate da guerra foi o cerco da cidade de Béziers, pertencente ao visconde Trencavel. A princípio tentou-se uma via diplomática: os cruzados ordenaram que os moradores da cidade expulsarem os cátaros que lá viviam, no que foram recusados. Ora, por que católicos, que afinal permaneciam a maioria da população na Occitânia, dariam proteção aos hereges? Rummel especula que isso decorreu do estilo de vida dos sulistas, que possuíam um forte senso de comunidade e por isso eram capazes de olhar além das diferenças religiosas, ou nem sequer percebê-las como heresias (RUMMEL, 2006). Iremos além ao sugerir que um fator influente

² Monge cisterciense autor da *Historia Albigense*, uma das principais fontes da Cruzada juntamente a *La Chanson de la Croisade Albigeoise*, do monge trovador Guilherme de Tudela.

nessa decisão pode ter sido a percepção dos cruzados como um simples exército invasor estrangeiro, que não tinha o direito de fazer exigências.

Qualquer que tenha sido a motivação dos sitiados, o resultado foi a tomada da cidade à força e o massacre de quase todos os seus 20 mil habitantes. “Nada pôde salvá-los, nem cruz, nem altar, nem crucifixo. Os mercenários mataram clérigos, mulheres e crianças; ninguém escapou. Se Deus quiser, receberá suas almas no Paraíso! Não creio ter havido tal massacre desde o tempo dos sarracenos”, escreveu Guilherme de Tudela (apud MACEDO, 2000b, p. 2) que, por ser nativo do Languedoc, não era indiferente ao sofrimento de seus conterrâneos.

O mesmo não se observa na narrativa de Pierre des Vaux de Cernay: “[...] os cruzados, pregadores e Pierre legitimavam o derramamento de sangue ao santificar seu propósito e ações como parte de uma estratégia divina. Tal violência sagrada era alimentada pela certeza desses homens de que agiam como instrumentos de Deus em passos para sua salvação” (KURPIEWSKI, 2005, p. 12-13, tradução nossa).

Após a conquista de Béziers várias cidades e fortalezas foram tomadas, dentre as quais Carcassonne. O visconde Raimundo Rogério Trencavel foi aprisionado e Simão de Montfort recebeu todas as suas terras (MACEDO, 2000b).

Entretanto, apesar das vitórias iniciais, logo se percebeu que manter os novos territórios seria muito mais difícil que conquistá-los. Faltavam principalmente homens e o vasto exército que adentrou o Languedoc em 1209 começou a se desfazer, principalmente em virtude do curto período de tempo pelo qual a maioria dos cruzados lutava – geralmente de quarenta dias (POWER, 2013).

Apesar do papa Inocêncio III prometer aos cruzados a terra confiscada dos albigenses, a maioria dos combatentes não tinha intenção de se fixar na região (POWER, 2013), buscando na verdade as recompensas espirituais oferecidas pela Igreja: os que prestassem voto de cruzado receberiam a remissão dos pecados (MACEDO, 2000b). “A Igreja logo estava prescrevendo a participação na Cruzada Albigense como uma forma padrão de penitência”, afirma Power (2013, p. 1081, tradução nossa).

Se no imaginário cruzado a guerra permanecia como uma guerra santa com o objetivo de combater a heresia, a realidade ia, aos poucos, se tornando outra:

Em sua fase inicial, a luta apresentou as características de uma guerra religiosa, parecendo tratar-se de uma ação armada dos defensores da Igreja contra os protetores dos cátaros [...]. Mas na sucessão dos acontecimentos, as conotações religiosas perderam

força diante dos interesses materiais, de maneira que, a partir de 1211, o conflito assumiu os contornos de uma guerra de conquista contra toda a feudalidade meridional [...]. (MACEDO, 2000b, p. 18).

Em 1213, o conde de Toulouse, aliado ao conde de Foix, consegue trazer o rei de Aragão para sua causa. Pedro II, conhecido como “o Católico”, exerce pressão sobre Inocêncio até que este suspende a Cruzada. A razão eram os excessos cometidos por Simão de Montfort no que havia se tornado uma guerra de conquista contra populações católicas (KURPIEWSKI, 2005). Além disso, o papa havia convocado a Quinta Cruzada, temendo retaliação pela grande vitória contra os islâmicos obtida na Espanha no ano anterior (POWER, 2013).

As forças de Toulouse e Aragão enfrentaram Montfort e os cruzados na Batalha de Muret, a maior batalha de toda a Cruzada Albigense, que do contrário foi marcada por cercos. Pedro II, herói de Las Navas de Tolosa, foi morto e Simão de Montfort triunfou. “Que ironia da História foi, então, que precisamente este bom Católico, que desfrutava da proteção do papa, tenha encontrado seu fim [...] na Batalha de Muret (1213), enquanto lutava ao lado dos hereges” (FRIED, 2013, p. 257, tradução nossa).

Apesar da vitória, sublevações continuaram pelos territórios conquistados e Montfort passou os cinco anos seguintes de conflito em conflito, até que a população de Toulouse se rebelou e recebeu Raimundo VI, que estava exilado na Espanha. Ao fim de oito meses de cerco, Simão de Montfort foi morto em um contra-ataque dos defensores em junho de 1218 (KURPIEWSKI, 2005).

São notáveis as discrepâncias dos epitáfios deixados pelos cronistas da época. Para Pierre des Vaux des Cernay, seu assumido admirador:

[...] ele foi descansar na proteção do Senhor. Antes de receber o ferimento fatal, o bravo cavaleiro do Senhor [...] Seu mais glorioso mártir – foi ferido cinco vezes pelos arqueiros inimigos, como o Salvador pelo qual ele agora pacientemente aceitou a morte, e em cujo lado vive agora em sublime paz. (apud KURPIEWSKI, 2005, p. 26, tradução nossa).

Enquanto na visão de Guilherme de Tudela:

[...] se por matar homens e derramar sangue, por condenar almas e causar mortes, por confiar em maus conselhos, causar incêndios, destruir homens, [...] por alimentar o mal e esmagar o bem, por matar mulheres e chacinar crianças, um homem pode neste mundo receber Jesus Cristo, certamente Simão usa uma coroa e brilha no céu acima. (apud KURPIEWSKI, 2005, p. 26, tradução nossa).

O filho de Simão, Amauri de Montfort assumiu, então, a liderança do conflito. Mas sem o gênio militar e energia de seu pai, os senhores espoliados foram pouco a pouco recuperando seus domínios. Em 1224, Amauri abriu mão de seus direitos e os transferiu ao rei Luís VIII, herdeiro

de Filipe Augusto (MACEDO, 2000b). O rei Luís conduziu uma expedição contra os rebeldes em 1226, e a fase final da Cruzada Albigense (1226-29) assume cada vez mais o caráter de uma expedição militar real, sem muita distinção de campanhas posteriores para subjugar o Languedoc. Os interesses da coroa e da Igreja tornaram-se um só: “[...] serviço pago no exército real podia contar como um ato de penitência” (POWER, 2013, p. 1082).

Segundo Macedo (2000b, p. 14):

A atuação direta do rei na ‘questão albigense’ aconteceu em 1226, e limitou-se ao assédio e submissão da cidade de Avignon. A derrota daquela grande cidade, associada com o prestígio da monarquia, levou a uma torrente de submissões. [...] A Cruzada Albigense terminou oficialmente em 12/04/1229, quando os representantes da Igreja e de Luís IX (São Luís) estabeleceram em Paris um tratado de paz com Raimundo VII. A partir da assinatura do tratado, os direitos da realeza foram assegurados e a ingerência dos representantes da monarquia na administração local aumentaram paulatinamente.

Ainda que a Cruzada Albigense tenha terminado em 1229, o Catarismo que ela visava combater persistiu. A última fortaleza cátara, Montségur, foi derrotada em 1244 e no início do século XIV os últimos seguidores daquela heresia foram mortos. A erradicação total da seita albigense só foi possível, ressalta Le Goff (1988), graças a uma nova instituição criada na esteira da Cruzada: a Inquisição.

Desta forma, uma das principais consequências das duas décadas de guerra foi o estabelecimento da autoridade e hegemonia religiosa da Igreja Católica, com efeitos que seriam sentidos por toda a Europa. Por outro lado, as repercussões políticas também foram notáveis, com o fortalecimento da monarquia francesa e a transformação das relações com Aragão. Nas palavras de Fried (2015, p. 188-189, tradução nossa):

A expansão de Aragão na Provença foi abruptamente revertida pela Cruzada contra os Albigenses. [...] A partir de então, os reis aragoneses voltaram-se cada vez mais para o sul, enquanto a monarquia Capetíngia consolidava seu controle sobre as terras fronteiriças na costa do Mediterrâneo.

A História da Historiografia da Cruzada Albigense

De acordo com Nunes (2011, p. 17), “Cada documento se vale de uma rede de significados que contribuiram para sua elaboração, assim, possui uma intencionalidade, nenhum discurso é destituído de valor [...]”. Isto é perceptível desde os escritos dos cronistas da Cruzada Albigense, que são um reflexo de suas crenças, origens e preconceitos, conforme demonstrado anteriormente.

Do mesmo modo, as obras produzidas por historiadores sobre a Guerra contra os Albigenses - inspiradas nessas fontes, bem como em escrituras, contratos, cartas, etc.- possuem um forte viés valorativo e são excelentes para se compreender a época em que foram escritas.

Macedo afirma que “Nos textos dos propagandistas dos reis capetíngios e da dinastia dos Valois, o reino da França aparece como o eleito para a ‘nova aliança’ e o ‘Paraíso terrestre’, espaço jamais maculado por qualquer tipo de cisma ou heresia” (MACEDO, 1996, p. 107). Essa era a França da centralização e do início da formação da monarquia nacional, projeto que não aceitava a presença de regionalismos ou subversões.

A Cruzada Albigense foi amplamente utilizada durante as Guerras de Religião na França no século XVI, tanto por católicos quanto protestantes, para validar suas posições. Segundo Racaut (1999, p. 261):

A comparação entre a Igreja Calvinista emergente e a heresia Albigense tornou-se lugar comum durante das Guerras de Religião da França. Ao mesmo tempo, a demanda Protestante por identidade e legitimidade estava sendo respondida na forma de martirologias e histórias da Igreja Verdadeira. Os martirologistas Protestantes gradualmente aceitaram a comparação Católica com a heresia medieval e a inverteram para sua vantagem.

Os católicos pretendiam exortar o rei a guerrear contra os protestantes usando o exemplo de Luís VIII e Luís IX e atribuíam aos protestantes as crenças dos cátaros, quais sejam, dualismo e negação da humanidade de Cristo, indo além e os acusando de práticas ocultas. Os protestantes, por outro lado, afirmavam ser de fato descendentes dos albigenses, mas que todas as crenças não ortodoxas atribuídas a eles não passariam de distorção da Igreja Romana. Na visão dos protestantes, os cátaros eram representantes da Igreja Verdadeira, da qual seriam os herdeiros, e a Igreja Católica era sua inimiga, representante de Satã na terra. Percebe-se, portanto, que cada grupo religioso usava os aspectos da História que interessavam para promover sua própria doutrina (RACAUT, 1999).

Do século XIX a boa parte do século XX, os autores dividem-se no antagonismo entre França do Sul e do Norte. Diversos lugares comuns emanam desse período, tais como a ideia de um Languedoc urbano, cultural e civilizado, e um Norte bárbaro, rude e intolerante. Alguns defendem a conquista da Occitânia como mal necessário para a unificação da França, que do contrário seria um país fragmentado e sem grandeza. Outros que a unificação foi forçada através do sacrifício das especificidades locais: a língua, a música e a literatura (CABRER, 2009).

No início do século XX surge o Neocatarismo, movimento esotérico que mistura a religião cátara com o mito do Graal e o ciclo arturiano. Otto Rahn identifica Raimundo Rogério Trancavel com o cavaleiro Percival e o castelo de Montségur com o santuário do Graal. Apesar de não possuir nenhuma base histórica, tais ideias se popularizaram em periódicos sensacionalistas, em especial durante a década de 1970 (MACEDO, 1996).

Ainda mais interessante é um episódio trazido por Cabrer (2009, p. 122, tradução nossa):

Em 1942, em plena ocupação, é publicada em Paris *A Cruzada contra os Albigenses e a união do Languedoc à França*, uma obra escrita por Pierre Belperron, um historiador vinculado ao Regime de Vichy. Ainda que bem documentada, essa obra é uma tentativa de explicar a derrota de 1244 e a posição da França colaboracionista. Belperron descreve um Midi medieval corrompido e debilitado (reflexo da França da Frente Popular dos 30), que sofre a invasão dos cruzados do norte (os alemães) até que a paz é restaurada pela salvadora intervenção da monarquia Capeto (Marechal Petain).

Essa breve explanação serve, portanto, para ilustrar as diversas maneiras pelas quais a Cruzada Albigense foi utilizada no discurso histórico.

Considerações Finais

A Cruzada Albigense (1209-1229) foi uma guerra brutal declarada pelo papa Inocêncio III para destruir o Catarismo no Languedoc. Logo, contudo, tornou-se um conflito senhorial, onde se combatia não pela religião, mas pelo controle de terras e submissão do sul da França, ligado a Aragão, à Dinastia Capetíngia.

É nesse sentido que afirma Power (2013, p. 1047, tradução nossa):

Vinte anos de campanhas quebraram o poder da nobreza da Occitânia, permitindo à monarquia Capetíngia estender seu domínio ao Mediterrâneo e assim pavimentando o caminho para a supremacia francesa na Europa Ocidental. Essa revolução política tornou possível o estabelecimento da Inquisição para perseguir a heresia. Essas duas décadas de guerra no Languedoc e Provença contribuíram, portanto, para uma refiguração muito mais ampla da autoridade religiosa e do poder temporal através do continente.

Além de seu impacto na Europa medieval, a Cruzada Albigense possui uma rica historiografia, que merece ser apreciada por todos aqueles que se dedicam a compreender o ofício do historiador e os processos pelos quais a História é construída.

Através de seus participantes, a Cruzada Albigense se insere num contexto muito mais amplo, se inter-relacionando com a Reconquista e a Península Ibérica, com Bouvines e as guerras entre Plantagenetas e Capetos, com a Quarta e a Quinta Cruzadas.

Não nos cabe aqui explorar todas essas conexões, apenas ressaltar que esse importante evento medieval não é mais compreendido como somente um tema relativo à História da França, pois, como afirma Cabrer (2009, p. 139, tradução nossa): “[...] há uma clara internacionalização da Cruzada Albigense, que deixou de ser um conflito entre franceses do norte e franceses do sul para contemplar-se, hoje, como um “*affaire* da cristandade” com múltiplas implicações [...]”.

REFERÊNCIAS

- CABRER, Martín Alvira. La Cruzada contra los Albigenses: Historia, Historiografía y Memoria. **Clio & Crímen**, Durango, n. 6, p. 110-141, 2009. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3158661>>. Acesso em 5 mar. 2018.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. Catolicismo e Catarismo: Um Choque entre Mitologias. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 11, n. 14, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2010v11n14p9>>. Acesso em: 5 mar. 2018.
- FRIED, Johannes. **The Middle Ages**. Tradução de Peter Lewis. Cambridge: Harvard University Press, 2015.
- KURPIEWSKI, Christopher M. Writing Beneath the Shadow of Heresy: The Historia Albigensis of Brother Pierre des Vaux-de-Cernay. **Journal of Medieval History**, Southampton, v. 31, n. 1, p. 1-27, mar. 2005.
- LE GOFF, Jacques. **Medieval Civilization**. Tradução de Julia Barrow. Oxford: Blackwell, 1988.
- MACEDO, José Rivair. **Um Grupo em Busca de Perfeição Espiritual: Os Cátaros na França Medieval**, 2000. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/gtestudosmedievais/artigos/cataros.pdf>>. Acesso em 5 mar. 2018.
- _____. **“Guerra Santa em País Cristão”**: A Cruzada Albigense, 2000. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/gtestudosmedievais/artigos/guerra_santa.pdf>. Acesso em 5 mar. 2018.
- _____. Memória Histórica e Historiografia da Cruzada Albigense. **Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, Porto Alegre, n. 6, p. 104-118, dez. 1996. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6175/3669>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

NUNES, Daniela. Pesquisa Historiográfica: Desafios e Caminhos. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 5, n. 1, p.15-25, jun. 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/28959>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

POWER, Daniel. Who Went on the Albigensian Crusade?. **English Historical Review**, Oxford, v. 128, n. 534, p. 1047-1085, out. 2013. <<https://academic.oup.com/ehr/article/128/534/1047/436468>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

RACAUT, Luc. The Polemical Use of the Albigensian Crusade during the French Wars of Religion. **French History**, Oxford, v. 13, n. 3, p. 261-279, 1999.

RUMMEL, Eric O. The Albigensian Crusade: A Historiographical Essay. **Perspectives in History**, Highland Heights, v. 21, p. 45-57, 2006. Disponível em: <<https://www.nku.edu/~phi/10565histPerspectives.pdf#page=47>>. Acesso em: 5 mar. 2018.